

SCIENTIFICISMO “A MODA” BRASILEIRA: POSITIVISMO E REGENERAÇÃO SOCIAL

SCIENTIFICISM “FASHION” BRAZILIAN: POSITIVISM AND SOCIAL REGENERATION

Tânia Regina Braga Torreão Sá

Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DCHL/UESB)
Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
(PPGMLS/UESB)
taniatorreao68@hotmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães

Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DFCH/UESB)
Pós-Doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
lrochamagalhaes@gmail.com

RESUMO

Nesse artigo, selecionamos a these doctoral intitulada *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899), descrevemo-a e apresentamos como exemplo de trabalho que expõe compromissos indelévels com o positivismo, uma metateoria empenhada em oferecer uma explicação política para entendermos a organização da sociedade. Por quê a these da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB)? Porque tal instituição foi pródiga na assunção de ideologias propulsoras dos ideais de civilização e progresso. Porque nela, se formam “quadros sociais de memória” que foram se constituindo pela via da nossa participação enquanto membros de grupos sociais determinados. Na FAMEB, entre 1840 até 1928, foram publicadas 2502 theses doctorais, documentos que resultavam das exigências de conclusão do curso de medicina, com a diferença que no tempo em que foram produzidos, essas precisavam conter de 1 a 3 ‘ideias novas’ para cada uma das cadeiras do curso e que não eram desenvolvidas. Aqui, selecionamos uma dessas theses e utilizando o método da análise de conteúdo, além de descrevê-la, analisamo-a. Já na conclusão evidenciamos que, do que se tratava é do estabelecimento de uma disciplina do corpo social, tomada enquanto reificadora das várias formas de liberdades individuais.

Palavras-chave: Quadros Sociais de Memória. Positivismo. Regeneração Social.

ABSTRACT

In this article, we selected the doctoral These titled *Some traits of the population under the hygienic perspective and evolutionary* (1899), describe it and presented as an example of work that exposes indelible commitment to positivism, a committed metatheory in offering a political explanation for understand the organization of society. Why the Estes of the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB)? Because such an institution was lavish on the assumption driving ideologies of the ideals of civilization and progress. Because in it, they form "social frameworks of memory" that were being constituted by means of our participation as members of certain social groups. In FAMEB, between 1840 to 1928 were published in 2502 theses doctoral, documents that resulted from the completion of course requirements of medicine, with the difference that the time they were produced, these needed to be 1 to 3 'new ideas' for each one of the course chairs and were not developed. Here, we select one of these theses and using the method of content analysis, and describe it, I looked into it. In the conclusion we showed that, what it was is the establishment of a discipline of social body, taken while reifying the various forms of individual freedoms.

Keywords: Memory Social Quadros. Positivism. Social Regeneration.

Recebido em: 02/04/2016

Aceito para publicação em: 14/10/2016

INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresentaremos alguns aspectos da conjuntura histórica que contribuiu para a implantação da FAMEB, primeira instituição de ensino superior implantada no país. Do ponto da memória coletiva, nosso propósito é oferecer entendimento sobre o modo como, em tal instituição vão se constituindo “quadros sociais de memória” (HALBWACHS, 2004), compostos por um grupo de cientistas médicos que atuam enquanto legítimos representantes de um projeto civilizatório ‘inovador’, e que se mostra consorciado com o modelo de modernidade projetado na Europa e transplantado ao país, para pensar o lugar estratégico das colônias de exploração, como é o caso do Brasil.

E isso ocorre, sugerimos, porque na FAMEB se projeta uma espécie de memória que se coletiviza socialmente, corroborando a formação de quadros sociais novos. Supomos que nesse lugar, inclusive, os acontecimentos; as ideias criadas pelos agentes que a compuseram; a relação de forças internas que corroboram a constituição da organização da instituição; bem como, as relações sociais (externas) que constituíram esse espaço dialeticamente, forjaram legados que levaram a subsunção, por opressão e subsequente esquecimento, de um modelo de cidade, anteriormente regulada pelo moralismo religioso católico e que não condizia mais com os princípios liberalizantes que orientavam a constituição de territórios alhures. Em seu lugar também, no lugar da cidade velha, é erigido modelo, dessa vez regulado pela ciência e pelo liberalismo.

A FAMEB foi criada, no ano de 1808, a pedido de José Corrêa Picanço (1745 – 1823), pernambucano, cirurgião da Real Câmara, lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Como membro da corte portuguesa, Picanço retornou ao Brasil em 1808. Neste mesmo ano, D. João VI, atendendo a seu pedido, fundou a Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro nome da FAMEB, na ‘cidade de Baía’, Salvador, por meio da decisão régia de 18 de fevereiro de 1808 (BRASIL, 1891), encaminhada ao então Governador e Capitão General da Capitania da Bahia Srº Fernando José de Portugal.

Em tal instituição, eram produzidas as famosas theses doutorais. Do ponto de seu conceito, essas produções resultaram das exigências de conclusão do curso de medicina. Elas são textos que se assemelhavam a monografias atuais, com a diferença que no tempo em que foram produzidas, elas precisavam conter de uma até três ‘ideias novas’ para cada uma das cadeiras/disciplinas do curso e que, não necessariamente, precisavam ser desenvolvidas, daí advindo à nomeação, ‘these’.

Quanto ao formato, as theses doutorais do século XIX e as teses de doutoramento de nossos tempos, guardam similaridades e diferenças importantes, no século XIX, não era exigida uma padronização do trabalho, em termos da definição de um número mínimo de páginas, por exemplo. Já nas teses de hoje em dia, reduzimos para uma o número de teses, ideias novas de uma tese de doutorado.

Tudo tendo começado em 11 de agosto de 1827, quando o Imperador D. Pedro I assinou em decreto instituindo os primeiros Cursos de Ciências Jurídicas e Sociais. Nessa Lei, consta no artigo 9º o seguinte:

Artigo 9º – Os que frequentaram os cinco anos de qualquer dos cursos, com aprovação, conseguirão o grau de bacharéis formados. Haverá também, o grau de doutor, que será conferido aqueles que se habilitarem com os requisitos que se especificarem nos estatutos que devem formar-se, e só os que obtiverem poderão ser escolhidos para lentes (Lei de 11 de agosto de 1827).

De acordo com o Artigo 60º do Regulamento do Estatuto das Faculdades de Medicina do Brasil (SANTOS FILHO, 1982), inclusive, para colar grau e obter o título de “Doutor em Medicina”³, seria fundamental passar por diversas fases. A principal dessas é a elaboração e sustentação da these

³ Que fique claro, o termo “Doutor em Medicina” quando é registrado nos títulos conferidos aqueles que alcançaram a aprovação na banca pública de examinadores na FAMEB do século XIX, se assemelhava pouco com o título de doutor que é conferido hoje, a quem defende uma tese de doutorado, isso porque, no Brasil de tal período, o bacharel em medicina era aquele que defendia de uma até três “ideias novas” para obter a aprovação de seu trabalho – as theses –, ainda que essa(s) não precisassem ser defendidas, como já dissemos acima, tratando-se de realizar um registro de tais ideias. O que muda hoje em dia, no entanto, é o alcance do título de doutorado, conferido não mais aos bacharéis, mas aqueles que tenham passado com aprovação pela graduação e, sequencialmente, pela pós graduação *stritu sensu* (mestrado).

doutoral, na presença de uma banca pública de examinadores, composta por 3 lentes (professores) escolhidos entre os membros da Congregação da FAMEB, sendo que, dentre eles deveria haver, pelo menos um catedrático. Caso o acadêmico não comparecesse, ou no caso de haver a reprovação da these doutoral, o candidato a Doutor em Medicina teria a chance de recorrer da decisão, se conseguisse a anuência do diretor da FAMEB, para tal finalidade.

Nevolanda Sampaio Meirelles, Francisca da Cunha Santos, Vilma Lima Nonato de Oliveira, Laudenor P. Lemos Junior, José Tavares Neto, no trabalho intitulado *Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928* (2004), levantaram as 2.502 theses doutorais do período de 1840 a 1928. O que esperavam com esse levantamento é a ampliação das fontes de pesquisa sobre a memória, no alvorecer dos princípios científicos aplicados no ensino médico brasileiro. Esse estudo tem importância central, porque sinaliza que até 22 anos antes da incorporação da FAMEB ao patrimônio da Universidade Federal da Bahia (1950), as theses doutorais ainda eram produzidas. Só deixaram de sê-lo quando, a partir de 1926 são criados os primeiros comitês técnicos no Brasil, responsáveis pela normalização dos padrões de produção científicas no país.

Por tudo o que foi dito, torna-se impossível falar de tal espaço ignorando tratar-se de um espaço considerado bastião de uma forma pioneira de fazer ciência no Brasil e, ao mesmo tempo, legítimo representante de um centro que projetava os ideais de civilização de hábitos modernos, além de ideias consideradas as mais “arejadas” para promover o desenvolvimento e o progresso para um país que se apresentava como exótico, luxuriante, verdejante e atrasado.

Tomando de empréstimo, então, o conceito de quadros sociais de memória, que é cunhado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, no livro *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925), nesse artigo, apresentamos reflexões acerca do sentido de localizarmos a these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higienico e evolucionista* (1899) no escopo de produções positivistas e, mais que isso, apresentamos um conjunto de arrazoados que permitem situar essa produção enquanto expressão concreta de uma ideologia emergente – o capitalismo mercantilizado – e que não poderia prescindir de locução objetiva, de difusão.

O que motivou a seleção dessa these doutoral foi, inicialmente os elementos que compunham as capas, elementos esses que evocam temas que não se apresentavam diretamente vinculados com a área da saúde, como se pode esperar em trabalhos derivadas de uma Faculdade de Medicina – tudo parece se ligar ao esforço de reiteração discursiva do ideário do progresso e do processo civilizacional.

Na capa o autor apresenta a indicação do nome da faculdade; a data (dia, mês e ano) da realização da defesa do trabalho; o nome do autor; sua naturalidade; o grau de formação acadêmica do mesmo, que pode ser de “Doutor em Medicina” e “Doutor em Ciências Médico Cirúrgicas”; o título da “dissertação”; a cadeira a que ele pertence; as proposições de teses, 1 ou 3 para cada uma das cadeiras do curso; o estado e o ano de publicação dos trabalhos.

Nos elementos pré-textuais, também expomos o que é reconhecido como legitimidade do parentesco, isto é, o autor apresenta-se como filho legítimo de seu pai e “produto” de um sacramento (casamento) reconhecido pela Igreja Católica. Além disso, nos elementos pré-textuais também são apresentados, o endereço da tipografia responsável pela impressão do trabalho monográfico.

E apesar de termos a convicção de que os elementos pré-textuais renderiam um bom trabalho, nossas ambições na análise crítica das produções por inteiro, nos afastaram de nos atermos aos “apelos” contidos nos elementos prévios de tais produções. Esses elementos pré textuais são importantes obviamente, mas, em nosso entendimento, eles expõem apenas uma tensão constitutiva superficial entre as classes. E em razão dessa superficialidade, acreditamos que a análise seja das capas, contracapas e folhas de homenagem não consiga responder as questões postas para explicar, tanto o contexto quanto as contradições e sugestão de movimentos que corroboraram o processo civilizatório que se quer ver implantado na ‘cidade da Baía’ de meados do século XIX e início do século XX.

Por isso mesmo, para além da descrição das capas e do texto das theses doutorais, pressupomos que seja o mergulho no *corpus*, no conteúdo desses trabalhos, que nos ajudará a entender as características, estruturas ou modelagens ideológicas que estão por detrás de tais produções. Objetivando, portanto, a realização da análise do conteúdo das theses doutorais, organizamos o trabalho em 3 etapas, que são sugeridas por Laurence Bardin (2011). A saber: a pré análise, que envolveu a seleção dos documentos descritos e analisados; a exploração do material, momento em que refletimos sobre os argumentos que apoiaram a escolha do recorte temporal; e por fim, partimos para a análise do conteúdo propriamente dita ou tratamento dos resultados, por meio de inferências e

interpretações, expondo discursos e contra discursos que acabaram por redefinir, inclusive, os limites de utilização das próprias fontes, do *corpus*.

No livro *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925), então, o autor oferece uma interpretação sobre a memória social e coletiva, inclusive, quando explicita que essas se amparam em espaços e tempo correspondentes a dadas produções mentais que exercem força apologética e ideológica, sobre as consciências sociais.

Halbwachs ao considerar os quadros sociais da memória enquanto campo epistemológico distinto, levanta a questão da presença do “outro genérico” em nossa percepção da realidade. Nessa compreensão, não apenas a co-presença é tomada enquanto pré-requisito de constituição de identidade. A identidade é, ela própria constituída por referenciais coletivos, de modo que, o passado só aparece a partir de estruturas ou configurações sociais do presente. Para Halbwachs, embora as memórias pareçam ser exclusivamente individuais, elas se constituem em “peças” que compõem um contexto social, que contém as lembranças de todos nós e dos outros.

Desde a obra supramencionada também, Halbwachs afirma que nossas memórias vão se constituindo pela via da nossa participação enquanto membros de grupos sociais determinados. Para ele, é neste processo que utilizamos as convenções sociais disponíveis a nós. Para Halbwachs indivíduos não lembram por eles mesmos, isto significando dizer que as lembranças pertencem a eles são também, atinentes a sociedade que as confirma ou as refuta. Ademais, ao ressaltar o caráter social da memória coletiva e explicar que nem mesmo as memórias mais íntimas podem ser pensadas em termos exclusivamente individuais, Halbwachs enfatiza tanto o caráter social quanto interativo da memória. Para ele, também, a memória ampara-se na vida material e moral da sociedade em que vivemos.

Fiel ao conceito de representação coletiva durkheimiano, Halbwachs não pensa os quadros sociais de memória como um somatório de representações individuais. Apesar da concreticidade ou objetividade atribuída muitas vezes, a esses quadros sociais, o trabalho halbwachiano parece querer enfatizar que a percepção sobre a memória não pode ser considerada o ponto de partida, porque ela nunca parte do vazio. A memória coletiva estaria relacionada aos valores, as visões de mundo dos grupos sociais de memória, daí Halbwachs considerar que ela é adquirida à medida que o indivíduo toma como suas, as lembranças do grupo com ao qual se relaciona. É essa dinâmica que incita, aliás, o processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo, em interação com outros indivíduos.

Pelo estudo dos quadros sociais de memória, Halbwachs demonstra estar a procura de uma alternativa não só à abordagem filosófica de Henri Bergson em *Matéria e memória* (1999) como também procurava incorporar algumas contribuições de alguns dos principais pensadores de sua época, a saber: Sigmund Freud em *Obras psicológicas completas* (1896a e 1896b, 1898, 1899, 1901, 1914, 1921 e 1925); William James em seu livro *O pragmatismo: um nome novo para algumas formas antigas de pensar* (1907); Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido* (1913) e *No caminho de Swann* (1913) e James Joyce, em sua obra *Ulisses* (1922) que estavam todos, à sua maneira, voltados para promover o debate da memória como campo epistemológico.

Fiel ao conceito de representação coletiva durkheimiano, então, Halbwachs nos ajuda a pensar nos quadros sociais de memória do grupo de acadêmicos da FAMEB não enquanto mosaico estruturado a partir de representações individuais, que compõem a colcha de tessituras têmporo-espaciais. Antes ele nos ajudava a pensar que, os quadros sociais de memória reproduziriam o que se vê na realidade concreta, em um período em que o ensejo de movimento, progresso e civilização, parecia dar a tônica de tudo o que dizia respeito às mudanças positivas na sociedade. No limite também, Halbwachs parece compreender que esses quadros expõem ancoragens, lastros que seus autores tomam de empréstimo das metateorias do positivismo, relacionando-as com os savants positivists⁴ cuja inspiração vinha do homem europeu, a quem a classe científica brasileira e baiana procurava imitar

No papel de admirador e discípulo de Emile Durkheim (1858 – 1917), também, Halbwachs dá destaque aos aspectos sociais em suas análises, compreendendo que as ações que compõem os quadros sociais de memória, retomam as questões de autonomia e dependência atribuídas aos agentes sociais, além de pôr em relevo também, os processos de construção de memórias coletivas, sendo por esse aspecto que recorremos a ele para entender porque, acerca do grupo de candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB, podemos dizer que eles formam quadros sociais de memória, articulados e razoavelmente coesos, comprometidos com um processo civilizatório cuja

⁴ Intelectuais.

finalidade é inserir a ‘cidade da Baía’ de meados do século XIX e início do século XX na modernidade.

E em que pese o empenho de Halbwachs em analisar a sociedade através de uma perspectiva de cunho funcionalista, as ideias *halbwachianas* abrem caminhos que nos possibilitam pensar hoje, a convivência e simultaneidade entre experiências associadas a períodos históricos distintos. Assumindo, então, uma visão distante da perspectiva a-histórica com que seu trabalho foi erroneamente categorizado, o legado *halbwachiano* oferece sobremodo, uma percepção dos limites no processo de construção de novas identidades coletivas que nos tornam capazes de considerá-las não-essencialistas e eticamente responsáveis por legados de opressão e esquecimento, que podem estar ausentes tanto do discurso deixado por gerações passadas, quanto de movimentos sociais atuantes no presente.

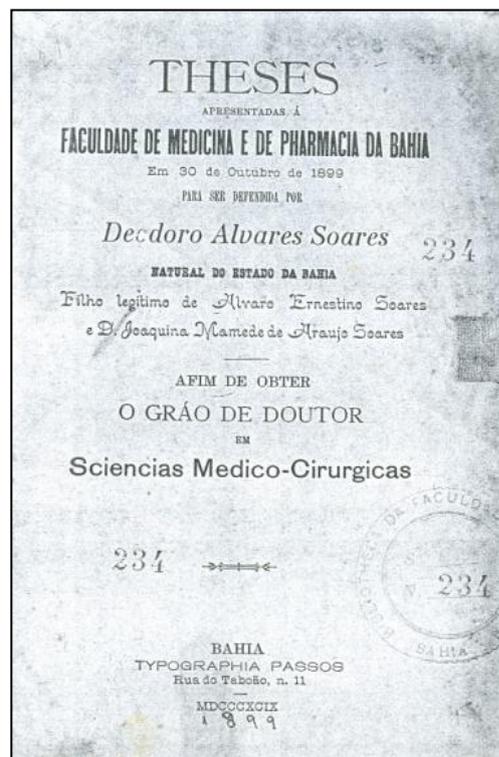
A ideia que por meio da análise crítica desse documento, possamos visualizar quadros sociais de memória dentro da FAMEB baseia-se no entendimento que os grupos de agentes que se organizaram na Academia baiana, aquinhoaram laços sociais suficientes e, além disso, compartilharam compromissos políticos que estão associados a defesa de interesses em comum. Na these doutoral em questão, os interesses desse grupo estão expostos.

O papel que essa these doutoral parece assumir, então, dentro da perspectiva de formação dos quadros sociais de memória não se resume a apenas evidenciar sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais dos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB, como uma análise apressada poderia fazer supor, mas, se volta para expressar o que estes profissionais guardam ou contém de coletivo.

A THESE DOUTORAL ALGUNS TRAÇOS DA POPULAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA HIGIÊNICO E EVOLUCIONISTA (1899)

A these doutoral intitulada *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista*, de autoria de Deodoro Álvares Soares, foi defendida em 30 de outubro de 1899 (Figura 1), na até então chamada Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia, que aqui chamaremos de FAMEB.

Figura 1 – Capa da These Doutoral



Fonte: These Doutoral (2014)

A these doutoral apresenta capa; contracapa; *apresentação dos lentes catedráticos da 1ª a 12ª sessões: lentes catedráticos*, seus substitutos e matérias que lecionam; introdução; 83 páginas numeradas de texto, divididas em 4 capítulos, intitulados: Capítulo I – Delineamentos étnicos e antropológicos; Capítulo II – Influências do clima, Epidemias; Capítulo III – Os defeitos da alimentação, Alcoolismo; e o Capítulo IV – Os mestiços e a degeneração, além de um apêndice que contém as chamadas Proposições de These, 3 sobre cada uma das cadeiras do curso de ciências médico-cirúrgicas. Quais sejam: Física Médica; Química Inorgânica Médica; Química Orgânica e Biológica; Química Analytica e Toxicologia; Botânica e Zoologia Médicas; Matéria Médica e Pharmacológica; Anatomia Descriptivas; Histologia; Physiologia; Pathologia Geral; Anatomia Pathológica; Pathologia Médica; Pathologia Cirúrgica; Therapeútica; Clínica Médica I e II; Clínica Cirúrgica (1ª e 2ª Cadeiras); Clínica Cirúrgica (1ª Cadeira); Clínica Dermatológica e Syphiligráfica; Hygiene e Medicina Legal. Figura 1 – Capa de These Doutoral

Numa pequena Introdução intitulada Uma explicação, o autor reconhece ser bastante ‘melindroso’ o assunto do seu trabalho, isto é, a definição de alguns traços da população brasileira sob o ponto de vista higiênico e evolucionista, pois, segundo o que acredita, a marcha evolutiva do povo brasileiro, rumo ao embranquecimento, tende a ser ainda muito dificultosa, pois, caminha lentamente para a unidade antropológica definida, que conduzirá “[...] a um agrupamento étnico são e digno de um futuro mais animador [...]” (p. 2).

No Capítulo I – *Delineamentos étnicos e antropológicos*, com 21 páginas de texto escrito, Soares destaca o que compreende ser, o papel imparcial da ciência no desvendamento do que classifica como “arcanos opulentos do nosso passado pré-histórico” (p.2), e por essa razão critica a compreensão de mundo guiada pela visão religiosa.

Na perspectiva de destacar os progressos científicos, ele cita o geólogo Charles Lyell⁵, a quem se deve a concepção de agregação dos terrenos por via da evolução progressiva. Também cita Jean Baptiste de Lamarck⁶ e, especialmente, Charles Darwin, pelo trabalho *A origem das espécies* (1859), como exemplos de pesquisadores que, pela inovação de suas teses, podem conduzir a sociedade ao desenvolvimento.

Soares também menciona o trabalho de Ernst Haeckel⁷, pela proeminência da Lei de adaptação direta e indireta (Lei da Recapitulação). Cita esse autor, por este fornecer “a chave de ouro das transformações que se seguiram no mundo biológico, através do tempo e do espaço” (p.3). Para tanto, recorre aos estudos de paleontologia, embriologia e anatomia comparadas, desenvolvidos pelo mesmo, que forneceram uma síntese das manifestações morfológicas vitais, consideradas por um conjunto de seres organizados, isto servindo como argumento para introduzir a questão da miscigenação racial brasileira e baiana.

No que tange ao problema das migrações e cruzamentos entre os diferentes grupos, ele reconhece o fato de não se poder mais falar de “raças puras”, mas, sim de uma “completa confusão” (p. 4), que instiga da formação das raças mestiças. Para defender o seu argumento sobre o que considera nocivo ao desenvolvimento da sociedade, a miscigenação racial, o autor expõe a visão de Jean Louis Armand de Quatrefages⁸ que explica os fatores que levaram ao processo de miscigenação racial de todos os povos. Na elucidação dada por De Quatrefages, a partir de uma só espécie, a monogenia, houve uma justaposição dos caracteres do indivíduo de diferentes distâncias antropológicas, que resultou numa sucessão ininterrupta de aparecimento de famílias mestiças, todas elas carentes em vitalidade, em sua impressão.

Sobre os aryo-africanos, Soares (1899) amparando-se nas proposições de Samuel Francis Nott (1881-1959) diz inclusive, que tem a vida mais curta que qualquer uma das outras raças. Também amparando-se nas teses de Felix Pouchet⁹, o autor concorda que os mestiços africanos e povos do norte da Europa possuem “qualidades inferiores”, em vista dos povos que se fixarem nesses territórios, haverem se miscigenado mais, graças aos trânsitos intercontinentais. Acerca dos zambos, Soares considera inferiores tanto com relação aos negros quanto aos índios de Lima, Peru e diz que se constituem na “peior classe de cidadãos” (p.5), por fazerem do cárcere “o seu domicílio seguro” (Id. p.5). No que diz respeito aos mestiços da Ilha de Java, diz que estacionaram na terceira geração

⁵ Ver *Princípios de geologia* (1830 – 1833).

⁶ Ver *Philosophie zoologique* (1809)

⁷ Ver *Lei biogenética fundamental* (1899).

⁸ Ver *Darwin et ses précurseurs français: étude sur le transformisme* (1892)..

⁹ Ver *Hétérogénie* (1859).

e que se transformaram numa classe “abastardada” por conta dos cruzamentos que realizaram com os espanhóis e os americanos.

Demonstrando uma compreensão bastante fatalista acerca do inevitável cruzamento das raças, o autor reconhece a suposta prolificidade dos mestiços para a procriação e geração de “produtos perfeitos” (p. 6), desde que sejam observadas na ‘fabricação destes produtos’, as condições do meio ambiente. Citando mais uma vez Darwin, estribado nas ideias de Paul Broca¹⁰, Louis Agassiz¹¹ e Artur de Gobineau¹² ele alega serem as raças mestiças, pelos efeitos dos cruzamentos e pela precariedade das condições morais do meio em que vivem, irregularmente degradadas e intermediárias, daí acreditar que o processo de miscigenação racial pode levar a dois caminhos: de um lado, crê numa espécie de processo de regressão que pode conduzir até mesmo a extinção desta raça, e do outro acredita em um progresso irreversível que também poderá conduzir ao surgimento de uma nova raça.

Na perspectiva de apresentar as raças que compõem o povo brasileiro em finais do século XIX, Soares adota a classificação de Silvio Romero¹³ para quem este povo compunha-se de brancos arianos, índios guaranys, negros do grupo bantu e mestiços que se originaram do cruzamento entre estas 3 raças. Romero, citado por Soares diz que os mestiços certamente compõem metade da população. Quanto aos outros grupos, isto é, brancos arianos, índios guaranys e negros do grupo bantu, ele acredita que tenderão a desaparecer num futuro muito próximo, consumidos que estão pela luta que se desenvolve internamente dentro deles.

Investindo nas explicações sobre o provável desaparecimento das raças indígenas, Soares realiza uma extensa explicação sobre as razões fundantes deste processo. Segundo as suas palavras “os aborígenes, n’um estado social inferior...prendem-se inevitavelmente ao homem pré-histórico” (p. 12), de quem se deve estudar apenas as capacidades físicas, intelectuais e morais. Acompanhando, pois, o projeto descritivo de Romero (1894), define desta maneira os indígenas:

Cor amarellada misturada d’um vermelho, pallido talhe de um homem americano, formas viris fronte não fugidia, face cheia, circular, nariz curto, narinas estreitas, bocca média e pouco saliente, lábios delgados, olhos mais ou menos oblíquos e elevando-se para o ângulo externo, maçãs pouco salientes, physionomia agradável. O gênero de vida que se entregaram, o manejo do arco, a dança guerreira e as pugnas que incessantemente tinham logar entre as varias tribus dos indígenas, tornavam-n’os ágeis, musculosas e fortes. Não se leve ao exaggero a força selvagem que tem precisamente a sua relatividade. Sabe-se que ainda n’este particular ele é inferior ao homem civilizado, o que é devido verosimilmente à condição nutritiva e á fraqueza de desenvolvimento do systema nervoso regulador do dinamismo vital (SOARES, 1899, p. 13).

Soares conclui, por isto mesmo que o aniquilamento destes povos deveu-se a sua inferioridade intelectual, bem como, a sua “incapacidade de se civilizar” que surge como consequência de uma parca compleição estrutural da sua organização física.

No que diz respeito aos portugueses brancos, Soares julga-os por sua variadíssima, porém ‘harmônica’ mescla de elementos étnicos, que se salientaram na formação de nosso povo. Uma raça que é composta por iberos, celtas, celtiberos, egypcios, berberes, mosarabes, romanos, sarracenos e mesmo franceses.

Sem deixar de reconhecer a existência de um intenso movimento migratório entre o continente africano e europeu, o médico argumenta que este último espaço, pelo sangue de seus descendentes, pela sua civilização, suas ideias, suas crenças e suas tradições, sobrepujaram as influências do continente africano, até porque, tratavam-se de povos mais atrasados e tendentes ao desaparecimento, pelos horrores provocados pela escravidão, trabalhos forçados, a má e insuficiente alimentação e péssimas condições de higiene em que vivem. Tudo isto somando-se, provocou o que Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá (1827-1903), Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, nos anos de 1864, 1878, 1879 e 1882; eleito Vice Presidente e Presidente da Província do Paraná até novembro de 1889; e o último governante do Paraná durante

¹⁰ Ver *Mémoires d'anthropologie* (1871 – 1878).

¹¹ Ver *Viagem ao Brasil* (1865 – 1866).

¹² Ver *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1852).

¹³ Ver *Introdução à doutrina contra doutrina* (1888).

o período imperial, acredita ser um processo de submissão, nostalgia e dependência, que retira dos homens e mulheres negros e negras o seu sentido de alteridade.

Acerca desse elemento de subordinação, Soares diz o seguinte:

Muito se tem dito e escripto sobre o africano, atrasado em civilização, exíguo e impotente nas suas manifestações intellectuais, attento ao infantilismo de seo cérebro em seo minguado desenvolvimento estructural. A sua inapitidão ao aperfeiçoamento...é uma questão que tem preocupado vários auctores e sobre a qual se entrechocam opiniões e explicações diversamente interpretadas. Invoca-se para explicar o facto, a precocidade da synostose craneana que acarreta um limite physiologico ao aperfeiçoamento intellectual inferior e um obstáculo considerável ao progresso intellectual. O espírito imitativo e a instinctividade desenfreada na satisfação das necessidades materiaes são as únicas manifestações phychicas, no dizer de alguns, reveladas pelo negro d'África (SOARES, 1899, p. 19-20).

Exceção se faça aos negros livres, que na opinião de Antoine Mondière “são susceptíveis de possuir um sentimento profundo do justo, uma grande facilidade em aprender enquanto está moço e uma grande tendência à perfectibilidade” (p. 20). Seja como for, na análise que Soares (p 20) faz “a raça africana estacionou e involue” (p.20).

No intuito de explicar, pois, as pretensas razões da parada do desenvolvimento desta raça, as teses de Dr. Julius Hann (1839-1921) auxiliam o trabalho de Soares. Para Hann o clima potencializa o aparecimento de várias moléstias. Some-se a isto a miséria, a falta de higiene, a preguiça, o alcoolismo e as uniões sexuais que desconhecem limites como contribuições de indubitável importância para a degeneração da raça negra. Falando diretamente dos negros brasileiros, o autor pontua a clareza de sua inteligência, sua vivacidade, sua energia e sua beleza física como sinais que dão indícios de sua capacidade de adaptação ao meio civilizado.

Classificados, no entanto, enquanto grosseiros e supersticiosos na maioria dos casos, os negros são acusados da prática fetichista “de crenças absurdas, embora únicas, compatíveis, consoante um funcionalismo reduzido, com o estreito perímetro de sua actividade cerebral” (p.24-25). De acordo com Raimundo Nina Rodrigues¹⁴, inclusive:

[...] a persistência do fetichismo africano...como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto vez que as exterioridades de culto cathólico aparentemente adoptado por elles, não conseguiram disfarçar nem nas associações hybridas...nem as práticas genuínas da feitiçaria africana, que ao lado do culto christão por ahi vegeta exuberante e valida [...] (RODRIGUES, 1939, p. 122).

Após esboçar as características das 3 raças, Soares menciona o fato da sua distribuição ocorrer de forma desigual no território brasileiro, colocando em escala sempre progressiva a evolução das raças mestiçadas. Adotando também as denominações criadas por Rodrigues (2006), ele assim define as características do povo mestiço.

1. Os mulatos, que são os produtos do cruzamento entre os brancos e os negros, constituem-se no grupo mais numeroso da população de Salvador. Estes grupos são divididos em: a) mulatos dos primeiros sangues; b) mulatos claros, que ameaçam absorver as raças brancas como um todo; c) mulatos escuros, os chamados cabras, que se constituem no produto do retorno à raça negra que são confundidos com os negros crioulos;
2. Os mamelucos ou caboclos, que constituem-se no produto do cruzamento do branco com o índio e que na Bahia são divididos em 2 grupos: os mamelucos que se aproximavam e se confundiam com as pessoas da raça branca e os mestiços dos primeiros sangues, cada vez mais raros no contingente populacional da cidade do Salvador;

¹⁴ Ver *Os africanos do Brasil* (1932) e *As coletividades anormais* (1939)

3. Os curibocas ou cafuzos que são produtos do cruzamento do negro com o índio;
4. Os pardos, que constituem-se no produto do cruzamento das três raças, sendo provenientes, principalmente, do cruzamento dos mulatos com os índios, ou com mamelucos caboclos. Em todas estas definições, ressalta-se a esperança das raças voltarem ao tipo ancestral, divergindo do tipo misto, originário da miscigenação.

Abordando o tema da capacidade intelectual dos mestiços, o médico destaca-a, conquanto, reconheça que:

Elevar porém à altura de um postulado minimamente recommendavel e seguro essa superioridade intellectual, é fazer coro com esses megalômanos que fecham os olhos as lacunas de origem, que a herança patenteia, e esquecem a sua condição de seres humanos que evoluem para uma phase superior, em percorrendo a mesma vereda que os mais cultos e civilizados de hoje trilharem em bem longos séculos (SOARES, 1899, p. 30).

Em regra, sobre o povo mestiço brasileiro, ele diz o seguinte:

O brasileiro é um ser desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para quiexar-se de que para ‘inventar’ mais contemplativo do que pensador; mais lirista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que ideias científicas e demonstradas (SOARES, 1899, p. 30).

Os mestiços ainda são descritos por Soares como um povo que não tem filosofia e nem ciência e que se entrega com facilidade ao “palavreado da carolice e a mística ridícula do beateiro enfermo e fanático” (p.31). Exceção se faça aos paulistas brancos, nascidos na outrora capitania de São Vicente e São Paulo, principalmente, por conta do processo de colonização que se inicia deste o século XVII.

Já encaminhando as suas considerações finais do Capítulo 1, Soares exprime uma crença que era muito comum na época e fala da tendência de regeneração das raças miscigenadas conquanto, deste processo de regeneração seja subtraída a vida supraorgânica do povo ‘selvagem’. E na perspectiva de consubstanciar os seus argumentos sobre o processo de regeneração das raças, o autor contrapõe pela primeira vez as opiniões de Romero a de Rodrigues, argumentado que Romero não tem razão ao afirmar que o povo ariano prevalecerá. Para Rodrigues tanto quanto para Soares prevalecerá o povo luso-africano, que compõem a maioria da população baiana. Segundo ele, inclusive:

Não é pela influência climática e posição geographica da cidade do Salvador que se deve explicar tão rápida metamorphose, porquanto se observa na evolução de uma família a extinção completa dos sigaes ethiopicos em prazo muito limitado. O segredo das variações está no desejo intimo que tem o mulato de tornar-se branco (SOARES, 1899, p. 38).

No Capítulo II – *Influências do clima, Epidemias*, com 10 páginas de texto escritas, Soares (1899) destaca a ação do meio sobre os indivíduos, evidenciando o papel que o clima exerce sobre o dinamismo biológico dos mesmos. Em sua opinião, os seres humanos estão de tal modo subordinados as ações deste elemento, que até mesmo os “proventos ou infortúnios adquiridos por uma raça ou por um povo dado, hão de se configurar sempre como producto do seo habitat” (p. 43). O brasileiro se constituindo em um exemplo disto.

Soares prossegue discutindo a insipiência das produções sobre o clima no Brasil e credita a iniciativa de alguns viajantes estrangeiros o mérito de realizarem as primeiras produções sobre o assunto, conquanto admita que mesmo estas poucas produções estejam incompletas por medirem apenas a temperatura. Logo após isto, Soares realiza uma extensa definição das condições físicas do Brasil, amparando-se nas tipologias climáticas criadas por Romero.

Romero, em quem Soares se inspira para criar essa tipologia climática, reconhece 2 zonas no Brasil: uma quente, que vem do norte e chega pelo trópico de capricórnio e uma “fresca” aonde estão incluídas a região subtropical e os platôs elevados que a avizinham. Algures, pode-se dizer que o país se divide em uma zona tropical, outra subtropical e uma terceira zona denominada “temperada doce” (p.47), aonde o calor e a umidade se associam para promover o “embaraço da evaporação cutânea e pulmonar” (p. 52), produzindo como resultado, perturbações funcionais da pele e dificuldades respiratórias.

Associando a ação deletéria do calor com o que chama de “exageros do trabalho” (p. 52), o autor crê ainda que, no aparecimento de uma fadiga precoce, impeditiva dos ideais de desenvolvimento. Adotando, pois, as apreciações que Herbert Spencer¹⁵ faz sobre o assunto, diz o seguinte:

Todo mundo sabe, que a grande secura do ar que endurece a superfície do solo e empobrece a vegetação, oppõe-se á multiplicação sem a qual uma vida social avançada não saberia produzir-se. Porém, o que mais se sabe também, é que a extrema humidade, sobretudo combinada com um grande calor, pode oppor ao progresso obstáculos inesperados (SOARES, 1899, p. 53).

Encaminhando as suas considerações finais no Capítulo II, Soares discute ainda as razões indutivas e dedutivas que fazem crer que as funções do corpo se achem facilitadas pelas condições atmosféricas. Comparando, pois, as regiões temperadas e tropicais, defende que as mudanças na umidade atmosférica, pelo ar carregado de vapor d’água, elevam-se ao contato com o corpo. A uma razão de 1 para 1, diz que tal evaporação depende totalmente da quantidade de vapor d’água presente na atmosfera.

No Capítulo III – *Os defeitos da alimentação, Alcoolismo*, com 6 páginas, Soares destaca o papel da alimentação no dinamismo vital dos seres humanos e, nesta perspectiva, define os alimentos enquanto substâncias capazes de substituir os produtos de assimilação que asseguram a atividade fisiológica dos fenômenos vitais. Para Soares “o dinamismo vital é obra da nutrição” (p. 64), sendo que o seu antagonista, traz como consequência a depreciação orgânica e o abatimento da energia. Ainda de acordo com o autor, os alimentos, para serem saudáveis, devem encerrar princípios nutritivos suficientes para prover a ausência de minerais que tomaram parte do processo de reparação histórica ou que foram eliminados pelos diversos processos emunctórios como substâncias excrementicias.

Em sua interpretação também, a maneira como os homens se nutrem atualmente, é uma conquista da sua evolução através dos tempos, daí acreditar que “o selvagem ingere alimentos de mais fácil aquisição sem cuidar de sua nutribilidade” (p. 67). Para ele, enquanto o ‘homem civilizado’ faz uma seleção inteligente dos seus alimentos, selecionado o que come e observando a procedência dos alimentos, ‘homem selvagem’ nutre-se ao seu ‘bel prazer’.

Na perspectiva de explicar porque o povo brasileiro nutre-se deficientemente, Soares cria uma divisão de formas alimentares territorializadas, de acordo com as regiões do país. No norte, segundo ele, a base alimentar mais utilizada é a farinha preparada com raiz de mandioca. Já os cereais, como o arroz, o feijão e o milho são mais incomuns. Também a carne de vaca, por conta do abastecimento precário, é pouco consumida, sendo substituída pela carne de porco, pelos produtos da pesca e carnes de charque.

Acerca do consumo excessivo da farinha de mandioca, diz que este alimento não preenche os requisitos necessários a boa alimentação, porque provoca o aumento extraordinariamente excessivo do conteúdo estomacal, que não é dissolvido inteiramente pelas fermentações gástricas. Sobre este aspecto, recomenda que haja a sua substituição pelos legumes e pelos cereais, como o milho, o feijão e o arroz.

Sobre o regime vegetariano, Soares critica-o por não fornecerem vitalidade aos tecidos. Já no que tange a carne consumida em Salvador, ele destaca o fato dele vir de lugares muito distantes da capital, ao mesmo tempo em que também prescreve que seu cozimento deve ser bem feito, para combater a contaminação por germes patogênicos. Sobre o peixe, frequentemente consumido pelos

¹⁵Ver *On social evolution. Selected writings* (1875).

habitantes do centro da cidade do Salvador, o autor destaca o que classifica como o baixo valor nutritivo deste alimento.

Dando continuidade a sua avaliação sobre o valor nutritivo de alguns elementos, Soares evidencia o que, em sua impressão, soa como abuso na utilização dos alimentos: os excessos na utilização dos condimentos. Para ele, o clima, entorpecendo a função digestiva, demanda a utilização destes condimentos. Contudo, o problema situa-se em seu abuso, vez que tal utilização provoca irritações permanentes e perturbações agudas do aparelho gastro intestinal, que vem sempre acompanhadas de uma agudíssima excitabilidade nervosa.

No que diz respeito ao emprego do álcool, Soares classifica-o como “veneno social” (p. 71) que é utilizado em proporções assustadoras, porque tais produtos são adquiridos a preços módicos. Queixando-se contra a escassez dos trabalhos sobre os efeitos nocivos do álcool no organismo, esse autor evidencia que tais efeitos propagam-se à descendência sob formas variadas. Já sobre os vinhos, cita especialmente os de má qualidade, que são alterados pelos exportadores. Sobre a aguardente de cana de açúcar, mesmo reconhecendo o que classifica como sua baixa nocividade, ele não se isenta de destacar que a “miséria vê nella um anestesico à sensação da fome, um meio prophylatico desarrazoado e funestamente posto em pratica contra o paludismo” (p. 72), de tal modo que não se pode negar os seus vínculos com a etiologia da tuberculose, da sífilis e das alterações gastro hepáticas.

Citando os estudos de Jean Cruveilhier¹⁶ e Etienne Lancereaux¹⁷, destaca que:

O individuo que herda o alcoolismo é marcado em geral com o selo d'uma degeneração que se manifesta particularmente por perturbações das funcções nervosas. A idiotia, a imbecilidade, a estupidez, uma susceptibilidade nervosa accentuada, um nervosismo (SOARES, 1899, p. 74).

Abraçando a classificação criada por Prosper Lucas (1808-1845), Soares diz que os alcoólatras estão divididos em 4 grupos distintos. Quais sejam: num primeiro grupo, enquadram-se todos os indivíduos que percorreram as fases da intoxicação alcoólica e sucumbiram a fase aguda da doença, entrando num estágio de paralisia e marasmo que repercutem “na perda completa da inteligência” (p.73). O segundo grupo, agrega uma categoria numerosa de alcoolizados que estão isolados nos asilos e são classificados como perigosos, por apresentarem comprometimento de ordem física e intelectual; o terceiro grupo é composto por descendentes de alcoólatras que, por sua vez se dividem em duas classes distintas: os primeiros sofrem uma parada congênita do desenvolvimento de tal modo que nascem imbecis ou idiotas. Já os segundos, experimentam lapsos de memória constantes e restrições intelectivas graves. Por fim, o quarto grupo, é composto por indivíduos que foram afetados pela dupla influência das moléstias incidentes e herança.

No sentido de oferecer combate ao mal que representa o uso do álcool, Soares recomenda a criação de asilos para os alcoólatras, a criação de sociedades de temperança, de associações infantis de abstinência, de restaurantes e cafés aonde são banidas todas as bebidas. O aumento dos impostos sobre a bebida também, aparece como sugestão para o controle do uso do álcool.

Concluindo, ao assunto, o autor resume:

A alimentação com se faz entre nós é defeituosa e insufficiente para alcançar o fim a que visa. Um regimen mixto mas no qual não predominem os alimentos herbáceos, deve ser o preferido. As refeições copiosas e os alimentos graxos devem ser evitados. A fiscalização das substâncias alimentares deve ser feita cuidadosamente a fim de que sejam destruídos os alimentos alterados e prohibida a vendagem dos que estirem sofisticados. A repressão ao consumo dos vinhos artificiaes e da aguardente deve ser enérgica e garantidora da vitalidade, já tão abalada por circunstancias outras, dos elementos da população, especificamente dos mestiços (SOARES, 1899, p. 74).

¹⁶ Ver *Anatomia Descritiva* (1834–1836).

¹⁷ Ver *Atlas d'anatomie pathologique* (1871).

No Capítulo IV – *Os mestiços e a degeneração*, com 4 páginas, Soares inicia o seu texto lançando uma intrigante pergunta aos seus leitores, que vai sendo respondida no decorrer da explicação que se desenvolve. Qual seja: “os mestiços brasileiros são degenerados??” (p.77). O autor constrói os seus argumentos respondendo positivamente a essa questão. Recorrendo a Benedict August Morel¹⁸ que toma como base para suas análises sobre degenerescência, o “tipo primitivo”, ele revela que os mestiços apresentam modalidades psicológicas e físicas que acabam por revelar um cunho particular de anormalidade progressiva e hereditária, que só não se mostra mais nociva porque

[...] a existência dos seres degenerados e necessariamente limitada, e, coisa maravilhosa, não é sempre necessário que chegam ao último grão da degradação para que fiquem marcados de sterilidade e consequentemente capazes de transmitir o typo de sua degeneração [...] (SOARES, 1899, p. 78).

Neste ponto descreve o conceito de degeneração que aparece sempre associado a estigmas, impulsões, obsessões e fobias que patenteiam o desequilíbrio da organização psíquica imaginada por eles. Segundo Morel o termo designa “o estado mórbido de um individuo cujas funções cerebraes acusam um estado de imperfeição notória se se compara com o estado cerebral dos *typos geradores*” (p. 78). Já Giuseppe Sergi (1841-1936) chama de degenerados “*todos os seres humanos que, apesar de sobreviverem na lucta pela existência, são fracos e trazem signaes mais ou menos manifestadamente deste enfraquecimento, tanto em sua forma physica, quanto no modo de agir*” (p.78).

Também citado por Soares, Claude Dallemagne¹⁹ elenca um grande número de causas da degeneração, ligando-as exclusivamente ao meio. O meio físico, social, as disposições hereditárias e constitucionais entram diferenciadamente nesta classificação etiológica. Segundo o que acredita, razões como a aclimação das zonas quentes, a escravidão, os hábitos de vida das pessoas menos desenvolvidas, enfim, as condições de existência das classes inferiores e “quebrantadas pelo sol dos trópicos” (p. 79) tem sido invocadas como justificativas para o atraso e a inaptidão do progresso.

Demonstrando a sua esperança quanto ao futuro, no entanto, Soares conclui a sua these doutoral defendendo que a mistura de raças ‘sãs’ com os tipos de raças ‘degradadas’ progressivamente, em circunstâncias especiais, pode ser regenerada, a ação do meio social, sendo fundamental neste processo de regeneração. Em sua análise “se não se oppuzer um paradeiro às suas influências depressoras da energia vital, que a tornam imprópria para sustentar a concorrência vital... a civilização, a obra mais grandiosa da evolução na humanidade” (p. 84), a sociedade, toda ela, estará condenada a se tornar mestiça, o que precipitará a sua extinção.

A partir daqui estabeleceremos uma interlocução com as principais matrizes teóricas que orientaram a elaboração das theses doutorais, as quais se apropriaram do estatuto da verdade religiosa, utilizando-as como contradiscurso para promover o estatuto da verdade científica. Nessa apropriação os fundamentos epistemológicos do positivismo, determinismo e evolucionismo são tomados como lastro teórico e, por essa razão, sugerimos que elas sirviram de sustentação ideológica no atendimento as necessidades de transição sociometabólica da ‘cidade da Baía’ de feições agrárias, coloniais, para a cidade que começa a se abrir as imposições mais explícitas do capital.

Em nossa interpretação, também, a apropriação e discussão de pontos chaves das metateorias positivistas, evolucionistas e deterministas são nevrálgicas para recuperarmos as concepções basilares que operaram no sentido de oferecer reflexões sobre as maneiras através das quais, dialeticamente, elas operam no sentido de fortalecer a construção da objetividade/subjetividade ideológica dos processos de transformação da urbe soteropolitana.

Pensando-as em termos mnemônicos, lemos as theses doutorais enquanto produções derivadas dessas metateorias que se apresentaram como mais contundentes no Brasil da transição do século XIX e início do século XX. Em nossa interpretação, pois, tudo indica que elas permitem ver uma ‘cidade da Baía’ que se dispõe a mudar os paradigmas ideológicos, reformulando a secularização²⁰,

¹⁸ Ver *Traité de dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l’espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives* (1857)

¹⁹ Ver *The Road to Rivoli* (1801).

²⁰ O advento da modernidade traz consigo o deslocamento do centro da vida da sociedade para a periferia, assim como transferiria algumas funções essenciais que a religião desempenhava nas sociedades tradicionais (legitimação, coesão social, sentido etc.) a outras instituições e referências simbólicas. Alguns autores inclusive

baseada nos princípios jesuíticos e retirando as restrições que incidem sobre a ideia de livre arbítrio²¹ da vontade humana.

No caminho da ruptura com o passado, representado pelo primado da religiosidade católica – no todo ou em parte modeladora, inclusive, do desenho que a ‘cidade da Baía’ de meados do século XIX e início do século XX assume – é que o legado moralizador dessa religião precisava ser desautorizado, precisava ser refutado. Na intenção de denegar, então, a influência do catolicismo, é que os candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB demonstram querer investir na laicidade e na experimentação *cientificista* como bases de promoção do progresso e do processo civilizacional. Algo que dá sentido a uma “nova consciência de mundo” que se forjava no Brasil de meados do século XIX.

Em face mesmo dessa nova consciência de mundo, marcado fortemente por uma espécie de ecletismo, caráter integralizador, e porque não assumir também, por certa dose de misticismo, fica difícil precisar campos específicos de localização das metateorias supramencionadas. Em nosso entendimento, pois, só é possível apontar “inclinações” aonde comparecem mais o positivismo que o evolucionismo e/ou o determinismo; o evolucionismo que o positivismo e/ou o determinismo; o determinismo que o positivismo e/ou o evolucionismo. Cerrar as prospecções teóricas de qualquer um dos autores dentro de quadros herméticos, como que esses pudessem responder a uma localização exclusiva, e mesmo referendada por outros estudos, parece incoerente. Nossa é, por essa razão, oferecer uma compreensão aonde nos seja permitida localizar ideias que se destaquem muito mais pela nossa interpretação, do que pelo que se convencionou dizer acerca delas.

O POSITIVISMO NA THESE DOUTORAL ALGUNS TRAÇOS DA POPULAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA HIGIÊNICO E EVOLUCIONISTA (1899)

Impossível discorrer sobre o positivismo sem mencionar às contribuições de August Comte (1798 - 1857) filósofo e grande escritor do século XIX, considerado “pai do positivismo”.

O positivismo de Comte por assim dizer, foi organizado a partir de uma trilogia de escritos que esse autor nomeou como *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo* escrito em 1842, *Curso de filosofia positiva* datado de 1848 e *Catecismo positivista* escrito em 1852. Nesses 3 trabalhos, Comte apresentou os pressupostos teóricos da filosofia positivista que exerceu uma forte repercussão na Academia baiana, pois que, essa formula uma teoria política da organização da sociedade, expressa através da máxima, ‘O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim’.

No positivismo, o primeiro passo para chegarmos a uma teoria política da organização da sociedade, começa com a pregação da regeneração social, a partir da reestruturação do saber da mente humana, aonde os positivistas definem os 3 estados, ao tentar conceber a realidade e a vida. Esses 3 estados ou atitudes espirituais são: o estado teológico, dominado por forças sobrenaturais que exprimem o mito; o estado metafísico, caracterizado pela crítica vazia e pela desordem espiritual; e o estado positivo, que busca superar as explicações insuficientes do mundo, mediante a substituição das hipóteses religiosas e metafísicas pelas leis científicas.

O aspecto fundamental da sociologia positiva, nesse sentido, baseia-se na distinção entre a estática e a dinâmica social. A primeira estudaria as condições constantes da sociedade, enquanto a segunda investigaria as leis de seu progressivo desenvolvimento. A ideia fundamental da estática envolve a promoção da ordem, da dinâmica e do progresso. Para os positivistas, a dinâmica social se subordinaria à estática, pois, o progresso provém da ordem e aperfeiçoa os elementos permanentes de qualquer sociedade: a religião, a família, a propriedade, a linguagem, de acordo com o poder espiritual e temporal.

Nas these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) a crítica ao ‘estágio’ anterior da sociedade, o estágio reconhecido como não civilizacional é patente, sendo apresentado por meio da exposição das atitudes espirituais. A saber: o estado teológico e o estado metafísico. É a partir da ideia que a religião católica instaura uma ordem eivada pelo atraso, pelo mito e pela superstição, ademais, que o autor de tal trabalho sugere é o estabelecimento de

chegaram a pensar que com a modernização da sociedade a religião poderia decrescer ou até desaparecer. A este conjunto de mudanças pelo qual a religião perde sua relevância social, ideológica e institucional é o que genericamente chamamos secularização. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n73/v25n73a08.pdf>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2016.

²¹ Ver *O livre-arbítrio* (1995).

outra ordem, que busca superar, por meio do emprego da *sciência*, o atraso civilizacional. No entanto, antes que o estatuto *científico* fosse, de uma vez por todas, considerado vitorioso, seria fundamental a imposição de alguns requisitos, sem os quais o avanço na direção do progresso e do processo civilizacional, não seria possível. Promover a regeneração social é um desses requisitos, e por essa razão, positivistas como Soares sugerem uma estratificação de responsabilidades sociais, nas quais caberia aos *savants positifs* (homens de gênio, *cientistas*, sábios ou ilustrados), no caso os membros das ‘raças sãs’, brancas.

Desse modo, a partir do ponto em que positivistas como Soares definem quem devem ser os agentes responsáveis pela regeneração social, eles acabam delineando um perfil identitário seletivo, que repercute na FAMEB forjando o perfilamento de outros candidatos ao título de Doutor em Medicina da FAMEB com um *scientificismo* eclético e difuso, no qual a formação acadêmica se baseará integralmente para propor as mudanças sociais necessárias a tal regeneração.

Por isso mesmo, Júlio César Rodriguez (2001), quando discute o *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*, que foi inicialmente sugerido por Comte aproveita para frisar a absoluta necessidade que os positivistas sentiam de “além de dividir as classes, acumular capitais e separar os trabalhos teóricos dos trabalhos práticos” (RODRIGUEZ, 2001, p.77), daí Soares propor uma rigorosa organização do conhecimento científico, alicerçado na observação dos fenômenos físicos (localização geográfica), sociais (acesso à cultura) e raciais (ser branco ou ser preto) e, também, na preocupação de oferecer como suporte para eles, uma rede de saberes estáveis, que organize e preveja a ocorrência de eventos interligados, o que significava dizer que, o que se pretendia mudar não era o sujeito, mas sim, a sociedade. A essa forma de conhecimento baseado no procedimento da observação e na investigação de fenômenos encadeados, os positivistas nomeiam de método experimental que, repercute fortemente na medicina da FAMEB, pois que, estava diretamente associado à exploração de analogias físico-científicas, comuns entre os homens de gênio, *cientistas*, sábios ou ilustrados do século XIX.

Considerando o que aludimos anteriormente, presumimos então, que o autor da these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) tenha precipitado não somente a necessidade de promover o processo civilizatório, mas a iniciativa de disciplinamento de um corpo (supra-individual), até então, tido como livre e impetuoso. E não bastando para ele (positivismo) a iniciativa de disciplinamento desse corpo supra individual, tornou-se uma medida de importância estratégica, o esforço de disciplinamento do corpus social, da sociedade como um todo. Advindo desse empenho de natureza ontológica, a nossa dificuldade de precisar, dentro de uma perspectiva absoluta, a localização dessa these doutoral supramencionada, exclusivamente dentro do quadro meteórico proposto pelo positivismo. Por sua aproximação com o interesse de regulamentação da sociedade, por suas preocupações com a moral e a educação, tudo indica que na these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) seu autor tenha franqueado ao determinismo parte importante do seu legado.

Mas não é só em Comte que o autor da these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) busca inspiração. Ele também recorre a autores como Hipócrates (460 a.C.-370 a.C.) filósofo grego do século 300 a.C. considerado “pai da Medicina” e Cesare Lombroso (1835-1909), médico italiano do século XIX, considerado “pai da eugenia”, para fundamentar as suas ideias. Em seus trabalhos, tais autores delineiam os passos para transformar a sociedade. E é na senda de promoção da perfectividade desse homem moderno e civilizado que o autor da these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) acaba por reformar drasticamente o conceito de liberdade, ignorando ser esse, mais que um problema metafísico. Em nosso entendimento ela decorre das condições de possibilidade (materiais e objetivas, também) desse homem se constituir enquanto tal, isto é, livremente.

A perfectividade dos homens de gênio, *cientistas*, sábios ou *ilustrados*, cambiante da perfectividade social é assumida ademais, como uma vocação genuína pelo autor dessa these doutoral. Vimos isso claramente na these doutoral mencionada, quando o autor argumenta que a moral e a intelectualidade do povo, está numa razão direta com a liberdade individual, aproximando-se de um ponto central do debate, tanto positivista quanto determinista: a visão segundo a qual, a sociedade precisa firmar um contrato social que a oriente na direção do processo civilizacional.

O interesse pela perfectividade social, em nossa interpretação, tudo indica que possa ser inserida dentro de um quadro de disputas territoriais locais / globais, que visam assegurar não só uma mudança na forma do homem representar a si mesmo, mas a sociedade, como um todo, pois que, as classes hegemônicas brasileiras compreendem desde muito cedo as solicitações que a velha ordem

do país, tomado pela selva luxuriante, ocupado por indígenas e animais, precisaria ser vencida, para que, em seu lugar fosse firmada a imagem de um espaço subalterno, mas, ainda assim, moderno e industrioso, como se dizia na época. Uma ‘Europa possível’²² de se realizar nos trópicos.

Por isso mesmo, a ‘dimensão messiânica’ que o trabalho dos positivistas assume, a partir do delineamento do perfil identitário do homem e da sociedade, tem muita relevância, pois, aponta o caráter salvático e regenerador atribuído aos homens de gênio, cientistas, sábios ou ilustrados, as raças sãs, cuja responsabilidade é promover mudanças de mentalidade das pessoas e, acima de tudo, discriminar quem pode e quem não pode ocupar esse lugar privilegiado.

Evidentemente, não só as ilações de Comte servem de base para o debate positivista. As contribuições daquele que é reconhecido como o ‘Pai da Medicina’, Hipócrates, na Grécia do século 300 a.C, também servem de base para inspirar os profissionais dessa escola. As concepções hipocráticas destacam-se porque, sem deixar de observar que a demarcação entre a anatomia e a fisiologia é, na sua época bastante tênue, Hipócrates advoga pela necessidade dos médicos dissecarem o corpo humano. Em seu intento exploratório, no entanto, ele não pode contar com a anuência da maioria dos seus pares. Alguns estudiosos de sua obra, por conta disso, afirmam que esse pioneiro da medicina se torna defensor de uma anatomia teorizada, fortemente comprometida com a filosofia natural do final do século V e os primórdios do século IV a.C, graças a essa interdição.

Regina Andrés Rebollo (2006) lembra, inclusive, que para Hipócrates a *physis* do corpo é uma realização particular da *physis* universal e, enquanto tal deveria ser vista como um princípio originário e organizador do corpo. A *physis* do corpo fornece, para Hipócrates destarte, a forma do corpo (*eidos* ou *idea*), isto é, o seu aspecto próprio ou particular e o seu comportamento (virtudes ou propriedades chamadas *dynameis*). Enquanto princípio organizador do corpo, também, a *physis* projeta no ser as qualidades da harmonia, da ordem e da beleza, regendo a morfologia e as funções normais do corpo e de suas partes.

Hipócrates diz que a alteração da *physis* – seja ela dos *eidos* ou *idea* ou virtudes ou propriedades chamadas *dynameis* – pode ainda ser uma consequência inesperada (acidental) da ação humana deliberada, resultado das intervenções médicas e terapêuticas e ademais, por essa acepção, ele passa a inspirar fortemente o pensamento médico da FAMEB, pois que, fornece as bases essenciais para estreitar a associação entre medicina e moral, atitude comum no Brasil de meados do século XIX até o início do século XX.

Uma contribuição importante, mencionada na these doutoral, *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* é dada por Sílvio Romero (1851 – 1914), pensador do fim do século XIX. A visão que Romero tem sobre a composição da sociedade é o que mais parece interessar aos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB, isto porque, quando ele discorre sobre o tema da mestiçagem e da raça, um assunto bastante recorrente nesses documentos, o seu primeiro gesto é o de situá-la enquanto problema a ser vencido pela própria ‘natureza’, sem controle dos cruzamentos inter-raciais.

Alexandrina Luz Conceição no trabalho *A geografia social de Sílvio Romero* (2000) lembra que Renato Ortiz (1985); Lúcia Lippi Oliveira (1990); Thomas Skidmore (2012); Roberto Schwarcz (1993), entre outros, delegaram aos escritos de Romero a responsabilidade pela defesa das teorias raciais e ambientais no Brasil. Meio e raça, na perspectiva desses autores, sendo apresentados como parâmetros no quadro interpretativo da realidade demográfica brasileira.

Embora não se possa negar a presença de certa dose de ecletismo na obra de Romero, diferentemente de outros autores, ele demonstra uma preocupação incomum diante dos pensadores de sua época. Ele não parecia querer prescindir de “assumir o método crítico, em pensar a sua realidade a partir de dados reais, em encontrar uma teoria da sociedade brasileira como fundamento da ação política e social, no ideário da construção mitológica, deste...obscuro objeto de desejo e de

²² De acordo com Malerba (2000), após a côrte portuguesa ter sido sitiada em Portugal e se ver obrigada a quase enfrentar a destruição de suas rotinas, na transferência para o Brasil, a restituição de sua etiqueta cerimonial na colônia, tornou-se imperativa. O contato que a côrte portuguesa teve, então, com os súditos americanos do Atlântico Sul, deflagrou uma sensível transformação das práticas de ambos – súditos e nobres –, no sentido de promover a europeização dos costumes. É na senda desse processo de adaptação que, o historiador Barra (2008) fala da construção de uma “Europa possível” que tem a côrte como centro difusor. Nesse plano de europeização é que se impõem as modificações do tecido urbano, nas formas e dos espaços de sociabilidade, aonde se tenta banir do espaço soteropolitano, tudo aquilo que estivesse vinculado a razão colonial. Disponível em: < <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1589.pdf>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2016.

rejeição chamado nação” (CONCEIÇÃO, 2000, p.2). E por essa perspectiva, tudo indica que o pensamento crítico desse autor, tenha sido assimilado pelos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB como parte importante de uma interpretação social e como ‘arma’ a mais, para a promoção da interferência na realidade, de tal modo que, ele só pode ser avaliado, se levarmos em conta a sua relação com o momento em que suas ideias virgiram.

Assim é que, concordando com Conceição assentimos que as ideias de Comte, dentre outros autores, e nas quais Romero se apoia:

[...] aproximam-se do ideário do individualismo liberal, que privilegia o ideário da liberdade e do progresso. Progresso como necessidade, baseado na valorização da liberdade individual. O desvario do progressismo e do individualismo que o Ocidente impunha ao mundo se expressava no desejo de autenticidade. As ideias tidas como mais adiantadas do planeta, eram adotadas com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e de distinção [...] (CONCEIÇÃO, 2000, p.3).

Em nosso entendimento, tais ideias “procuram trazer à luz, formas de modernização que acompanhem o desenvolvimento do capital” (SCHWARCZ, 1993, p.23). E se a these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* traz as contribuições de Romero como mote do pensamento positivo da época, isso parece se dar em razão dos candidatos ao título de Doutor em Medicina pela FAMEB acreditarem que, esse é um dos poucos autores que se encontram decepcionados com os caminhos assumidos pela República, ante o pesadelo em que se transformará seu sonho de modificação positiva da sociedade.

Destarte, nas suas análises, Conceição ainda assinala que, se pode entender a interpretação que Romero faz da realidade também, como resultado de uma evolução contínua, a ser mapeada a partir de pioneirismos, controle social e atenção aos graus de superioridade. Conceição esclarece ainda que, em Romero “a polêmica corresponderia, no plano cultural, aos processos teleológicos de aperfeiçoamento das espécies” (CONCEIÇÃO, 1979, p. 54).

E ainda que Romero se detenha no esforço de realizar a crítica ao positivismo, sua inabalável crença na existência de leis que regem a sociedade, não deixa dúvidas acerca de sua vinculação epistemológica. Sérgio Buarque de Holanda (1995) e Caio Prado Júnior (1996), os chamados “interpretes do Brasil” aliás, referindo-se ao método *romeriano* lembram que, no entendimento do autor “todo estudo só seria cientificamente certo, na medida em que se conformasse a certas leis fundamentais, leis que seriam as mesmas para o mundo físico e o da cultura” (PRADO JÚNIOR, 1996, p. 360).

O pensamento de Romero também, não parece contemplar integralmente a organização dos quadros sociais de memória expostos na these doutoral *Alguns traços da nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) e, por essa razão, esses profissionais buscavam nos trabalhos de Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906) argumentos para embasar os temas que desenvolvem. Nina Rodrigues que foi professor da FAMEB no final do século XIX, é sua figura de maior projeção.

Nos trabalhos de Nina Rodrigues, especialmente, em seus livros mais famosos, *Os africanos no Brasil* (2010), publicado em 1832 e *As coletividades anormais* (1939) o autor procura sintetizar o entendimento que a maioria dos *cientistas* tinha sobre a sociedade brasileira e, mormente dos quadros sociais de memórias existentes na cidade de Salvador de meados do século XIX e início do século XX. E se é verdade que, dentro da interpretação que Nina Rodrigues faz sobre o grupo étnico negroíde, saltam contribuições substantivas ao ideário racista que, arguiu em prol da criação de um conjunto de justificações *científicas*, garantidoras da criminalização da condição socioeconômica inferior, de seu legado também, pode-se destacar a iniciativa de criação e fortalecimento da carreira de médico legista, uma profissão assumidamente técnica e que, apesar de ser utilizada em prol do debate raciológico, mais tarde, foi se tornando cada vez mais especializada e isenta de tal caráter.

Em suas ilações, Nina Rodrigues fazia questão de demonstrar o quão perniciosa era à influência dos negros na população brasileira, o que estava em absoluta consonância com as ideias de seu tempo. Esse não era, no entanto, o tema principal de seus estudos, como a maioria insiste em afirmar. Apesar das ideias sobre o negro projetarem o nome desse autor, inclusive, fora da FAMEB, à grande preocupação de Nina Rodrigues se concentrava na perspectiva de promoção da saúde pública. Era, em suas palavras, portanto, a garantia da ordem social que estava no primeiro plano de suas considerações e, nesse sentido, as epidemias, a prevenção e repressão ao crime, à assistência aos alienados, o aperfeiçoamento das leis, o combate ao charlatanismo na profissão médica, eram objeto de suas intervenções na imprensa diária e na imprensa médica, em comissões locais, no planejamento institucional da própria FAMEB. E por todas essas impressões, acima da visão determinista, pode-se dizer a respeito de Nina Rodrigues que ele era um positivista clássico.

A sua luta em prol dos alienados, por exemplo, tanto no plano prático – tomando medidas que possibilitaram salvar de uma epidemia os loucos internados no Asilo de Salvador – como no planejamento de novas instituições para abrigar os loucos, parece mostrar uma inflexão nos seus interesses de pesquisa nos seus últimos anos de vida, pois, seus biógrafos concordam que da antropologia, Nina Rodrigues migrou para o campo da Psiquiatria e só depois, para a Medicina Legal, campo de estudos aonde ele projetou o nome da FAMEB.

Acompanhar a trajetória de Nina Rodrigues dentro da FAMEB ajuda-nos, portanto, a pôr em relevo duas marcas importantes em sua biografia intelectual, curta em anos (ele tinha 44 anos quando faleceu) e larga em publicações acadêmicas. Seu intenso zelo institucional, simbolizado pelo fato de que ele estava na Europa também para procurar instrumentos para equipar o seu tão sonhado laboratório de medicina legal, em construção quando morreu e sua adesão às ideias científicas, em voga aqui e no exterior, evidencia seu compromisso com a carreira médica e o positivismo.

Sua adesão a esses paradigmas, no entanto, não deve ser confundida com adesão às práticas científicas vigentes no país. Ao contrário, pela incessante busca do *científico*, tornou-se um crítico feroz da atmosfera intelectual morna que o cercava, e em mais de uma ocasião, denunciou a falta de infraestrutura da sua faculdade e as práticas ultrapassadas de pesquisa e da docência. O exemplo disso é a Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia para o ano de 1897, que ele foi incumbido de redigir. Sendo praxe, a cada ano, um lente catedrático relatar o que se passara de relevante no meio acadêmico, a memória escrita por Rodrigues era tão crítica com as práticas locais que só foi publicada quase 80 anos depois, em 1976, na mesma Gazeta Médica da qual fora editor.

Quanto às ideias científicas da época, pode-se dizer que a sua adesão era quase completa a tais vogas. É preciso dizer quase, porque, famoso por seu racismo, ele foi menos lido na clave do pesquisador cuidadoso, que era responsável pelo registro de boa parte da história oral dos descendentes de africanos na Bahia, e mais interpretado como aquele que se dedicou a criminalizar a pobreza e os grupos étnicos negros.

Em 1885, realizou-se em Roma o I Congresso de Antropologia Criminal, e as teses propostas por Lombroso obtiveram grande sucesso e reconhecimento científico. Ele expôs em detalhes as suas observações e teorias na obra *O homem delinquente*, cuja primeira edição aconteceu em 1876. Dez anos transcorridos entre a publicação de seu livro e a realização do I Congresso de Antropologia Criminal demonstraram a rapidez com que se alcançava o ‘êxito científico’ nas sociedades européias, ávidas por novidades, descobertas espetaculares e ‘gênios’, à base de uma imprensa alimentada com os descobrimentos do fim do século XIX.

As contribuições de Lombroso para a criminologia não residem tanto em sua famosa tipologia do ‘delinqüente nato’²³ ou em sua teoria criminológica, senão, na opção pela rigorosa aplicação do método que ele utilizou em suas investigações: o método empírico. Sua teoria do delinquente nato foi formulada com base em resultados de mais de 400 autópsias de delinquentes e 6.000 análises de delinquentes vivos; e o atavismo²⁴ que, conforme o seu ponto de vista, que caracteriza o tipo criminoso, ao que parece, contou com o estudo minucioso de 25.000 reclusos de prisões europeias.

A ideia do atavismo aparece estreitamente vinculada à figura do delinquente nato. Segundo Lombroso, criminosos e não-criminosos se distinguem entre si em virtude de uma rica gama de anomalias e estigmas de origem atávica ou degenerativa. Lombroso por essa razão, apontava as seguintes características corporais do homem delinqüente: protuberância occipital, órbitas grandes, testa fugidia, arcos superciliares excessivos, zígomas salientes, prognatismo inferior, nariz torcido, lábios grossos, arcada dentária defeituosa, braços excessivamente longos, mãos grandes, anomalias dos órgãos sexuais, orelhas grandes e separadas, polidactia. As características anímicas, segundo o

²³ Identificando pois a origem da criminalidade, como ontologia, nessas “fases primitivas” da humanidade, Lombroso entende que o criminoso é uma subespécie ou um subtipo humano (entre os seres vivos superiores, porém sem alcançar o nível superior do *homo sapiens*) que, por uma regressão atávica a essas fases primitivas, nasceria criminoso, como outros nascem loucos ou doentios. A herança atávica explicaria, a seu ver, a causa dos delitos. O criminoso seria então um delinqüente nato (nascido para o crime), um ser degenerado, atávico, marcado pela transmissão hereditária do mal. O atavismo (produto da regressão, não da evolução das espécies) do criminoso seria demonstrado por uma série de “estigmas”. De acordo com o seu ponto de vista, o delinqüente padece de uma série de estigmas degenerativos, comportamentais, psicológicos e sociais. Disponível em: <https://criminologiafla.wordpress.com/2007/08/20/aula-2-o-crime-segundo-lombroso-texto-complementar/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

²⁴ Mesmo que hereditariedade.

autor, são: insensibilidade à dor, tendência a tatuagem, cinismo, vaidade, crueldade, falta de senso moral, preguiça excessiva, caráter impulsivo.

Lombroso foi modificando seus postulados nas edições posteriores de sua obra e, graças a elas, se viu obrigado a incorporar os resultados daquelas observações empíricas que justificaram algumas discretas mudanças de orientação. As correções que foi introduzindo não alteravam, no entanto, o núcleo de sua teoria, ou seja, o postulado segundo o qual, existe uma diferença biológica entre o delinquente e o não-delinquente.

As ideias eugênicas ou *lombrosianas* não tiveram repercussão exclusivamente no campo da medicina. Elas influenciaram sobretudo, o campo do direito e, dentro da Escola de Direito, influíram na corrente do direito positivo²⁵ que, começou a se consolidar a partir da fundação, no ano de 1891 da Faculdade Livre de Direito da Bahia (FLDB), uma das primeiras escolas de direito do Brasil e primeira do Estado da Bahia. Destaque-se, inclusive que, a FLDB funcionou no mesmo prédio da FAMEB desde a sua fundação, até a década de 1950, quando passou a fazer parte do patrimônio da UFBA e foi transferida para a Escola Politécnica dessa instituição.

A criação da FLDB, ao contrário do que uma leitura apressada pode induzir a acreditar, não se coloca enquanto algo que visa estabelecer uma relação concorrencial com a FAMEB. Senão porque, cada uma das instituições cumpre um papel determinado, a criação da FLDB, 83 anos após a fundação da FAMEB consolida o papel da instituição médica, a medida em que, a FAMEB continua a “pensar o científico” e a FLDB articula, na letra da lei, as formas que levam a sua melhor aplicação. O direito penal de fundamento liberal, sobremaneira, complementava o estatuto construído na medicina, traduzindo na forma da lei as exigências dessa nova ordem. É em vista do estabelecimento de marcos regulatórios mais rígidos, postos no intuito de controlar a vida social, que se fez necessário encontrar recursos legais e penais que assegurassem à subserviência de todos a nova ordem social, ordem, aliás, legitimada por meio da elaboração dos famosos Códigos de Posturas Municipais que grassam na cidade de Salvador do século XIX. A respeito desses documentos Tânia Regina Braga Torreão Sá (2010) os define da seguinte forma:

Os Códigos de Posturas, enquanto composição metódica e articulada de disposições legais e coleção de preceitos e regras autorizadas pelo poder dos legisladores, designam regras de convivência em sociedade que acompanharam, desde o período colonial (1500-1822), a organização da cidade do Salvador. A metrópole portuguesa recorria a esses códigos com o intuito de impor a autoridade e de zelar pela ordem e “bons costumes” nas colônias que estavam sobre sua jurisdição. A elaboração, a aplicação e a conseqüente autoridade para vigiar, julgar e punir, em caso de desrespeito ou de negligência em seu cumprimento, eram a função fundamental da autoridade da Câmara Municipal, e a feitura de posturas, assunto do maior relevo, contando sempre com o mais empenhado cuidado dos corregedores. Quando em função de correição, para além de fiscalizarem aspectos da legalidade, os corregedores enviados pelo Governador Geral ordenavam que os oficiais procedessem à feitura de novos códigos ou à reforma dos antigos. (TORREÃO SÁ, 2010, p.278).

Pelo que se pode depreender, então, as ideias penais e/ou criminológicas expressas nos CPM’s estão correlacionadas com a preocupação central de impor um novo futuro para a cidade de Salvador. Mas não se trata disso, apenas. Nossas análises apontam também, que inspirados pelo scientificismo o que acadêmicos, tanto da FAMEB quanto da FLDB procuravam aclamar, são marcos

²⁵A corrente do *jusnaturalismo* defende que o direito é independente da vontade humana, ele existe antes mesmo do homem e acima das leis do homem, para os *jusnaturalistas* o direito é algo natural e tem como pressupostos os valores do ser humano, e busca sempre um ideal de justiça. O *direito natural* é universal, imutável e inviolável, é a lei imposta pela natureza a todos aqueles que se encontram em um estado de natureza. Ao contrário do que defende a corrente *jusnaturalista* (*jusnaturalismo*), a corrente *juspositivista* (*juspositivismo*) acredita que só pode existir o direito e conseqüentemente a justiça através de normas positivadas, ou seja, normas emanadas pelo Estado com poder coercivo, podemos dizer que são todas as normas escritas, criadas pelos homens por intermédio do Estado. O *direito positivo* é aquele que o Estado impõe à coletividade, e que deve estar adaptado aos princípios fundamentais do direito natural. Para o Juspositivismo uma norma é justa se for válida, ou seja, se existe ou não como regra jurídica dentro de um determinado sistema jurídico, assim ela deve: a) ser emanada de autoridade competente ou autorizada; b) está em vigor; c) ser compatível com outra.

para afugentar o perigo da instabilidade social, representada pela possibilidade de revolução dos despojados e discriminados, apartados da sociedade. No artigo *Revoltas de escravos na Bahia em início do século XIX* (1998), Sérgio Figueiredo Ferretti põe em evidência, inclusive, o interesse dos médicos Nina Rodrigues e Arthur Ramos (1903 – 1949) pelo assunto.

Assim, quer seja citando Hipócrates, Comte, Romero, Rodrigues ou Lombroso, Souza these doutoral *Alguns traços da nossa população sob o ponto de vista higienico e evolucionista* (1899), parece realizar a defesa do homem racional, que precisava ser “construído” sob a influência dos iluminados, os lentes, os savants positivs, os homens bons da sociedade soteropolitana e brasileira. E eles justificam a necessidade de sua atuação argumentando que resiste na cidade de Salvador um homem incapaz de exercer seu arbítrio livremente, uma sociedade que precisa ser governada sob todos os pontos de vista, advindo daí a necessidade de suas intervenções. Isso acontecendo porque, sob a influência do cientificismo e do Direito Penal Juspositivo, a figura do criminoso personifica-se na figura do homem delinquente, homem esse que se forja desde tenra idade e que é modelado levando-se em conta a sua condição econômica.

Destarte, desde a elaboração dos primeiros trabalhos desse tipo, o que se pôde verificar através da análise desse e de outros documentos foram “desvios de rota” que levaram os médicos a negligenciar, inclusive, os temas mais diretamente vinculados ao tema da saúde em prol do investimento teórico no discurso sobre a necessidade de regulamentação –, e, ao mesmo tempo, o esforço de reiteração do debate sobre a regulamentação social, o desenvolvimento e a educação, que põem em relevo a unificação dos interesses desse grupo científico, isso sendo testificado a partir do momento em que constatamos que, quando um acadêmico se inclina para um determinado tema, todos parecem querer acompanhá-lo.

Nesse ponto é oportuno esclarecer que, aqui não propomos uma visão asséptica, límpida do pensamento dos autores supramencionados, como quem sugere a mobilização do debate teórico dentro de quadros específicos. Pelo contrário, quando perfilamos as contribuições de Comte, Hipócrates, Romero, Nina Rodrigues e Lombroso com o positivismo, foi porque, buscávamos uma maneira de integrar diferentes ‘equações epistemológicas’, identificando uma linha dorsal que aponta o diálogo com outras metanarrativas também. Nosso intuito é, dessa maneira, integrar a tradição positiva com a herança biológica, os fatores acidentais, morais e psicológicos participantes da instalação de uma sociedade que, sob a luz da metateoria positivista, buscava se civilizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de conclusão e de esclarecimentos, é oportuno informar que o conjunto de referências mencionadas nos tópicos 2 e 3 desse artigo, não são objeto de análise pelas autoras desse artigo. Quem se apropria delas, para a finalidade perspicua de dar fundamentação de suas pesquisas, é o autor da these doutoral *Alguns traços da nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899), Deodoro Alvarez Soares. Em nosso caso, o que fazemos é tomar a these doutoral supramencionada, para fundamentar a nossa crítica sobre o positivismo, entendendo a crítica em sua perspectiva dialética. É por essa razão que, valemo-nos do método da análise de conteúdos, pormenorizado abaixo:

Na fase 1 – pré-análise, selecionamos a these doutoral em tela, instigados inicialmente pela curiosidade no que concerne ao seu título; na fase 2 – exploração do material, lemos e analisamos os conteúdos propriamente ditos, descrevemo-o e selecionamos as palavras mais recorrentes no texto; na fase 3 – tratamento dos resultados, inferência e interpretação, realizamos a análise crítica das informações e apresentamos uma articulação com a metateoria positivista.

Em termos de análise crítica, portanto, compreendemos que o positivismo liga-se à ideia de regeneração social. O positivismo, que ao rechaçar noções religiosas, morais, apriorísticas ou conceitos abstratos, universais ou absolutos, via em tudo que não fosse considerado são – como sinônimo de ser branco, civilizado, europeizado e culto – algo que não tinha valor. E o que chama atenção quando pensamos nele (positivismo) é o esforço que os profissionais perfilados com essa metateoria parecem empreender, no sentido de superdimensionar a importância da afirmação categórica de um modelo que orientará o progresso e a civilização.

Pelo que se pode perceber a partir análise da these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899), ademais, no modelo de sociedade positiva, o disciplinamento do *corpus* social era mais importante que o estabelecimento da disciplina do corpo supra-individual, pois que, esse tinha como objetivo a implementação de uma espécie de 'pedagogia

assepsista', voltada ao fortalecimento do livre arbítrio, um dogma religioso e moralizante, tributário do Iluminismo do século XVII, que foi reinscrito na ordem científica positiva do século XIX, de forma a reificar a ideia de liberdade para consumir, para desvencilhar-se da censura com respeito à apropriação privada da terra e para obter a mais valia a partir da exploração do trabalho livre (LE GOFF, 2014).

E de tal modo o empenho do autor da these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista* (1899) parece ter sido bem sucedido, no horizonte de supressão e contenção do corpo supra-individual que, visualizá-lo sozinho, destacado da sociedade, passa até mesmo a ser constrangedor (FERREIRA, 2013, p.520).

Apostando, portanto numa visão determinística de homem e sociedade, segundo a qual, a força dessa estaria destinada a promoção do processo civilizatório e que os positivistas vão colocando em evidência quem são os capacitados a guiar a sociedade na sua transformação. Para os positivistas, só os homens de gênio, *cientistas*, sábios ou ilustrados deveriam ser capazes de levar a efeito a missão civilizatória, daí tratarem de falar dele e atribuir a ela – ao homem e a sociedade –, os poderes de uma espécie de ‘iniciado’, que produz uma forma de conhecimento hierático e que se devota a promover as marchas da civilização.

Concluindo, pode-se afirmar que o apelo em prol da mudança dos costumes e da civilização, o que se observa na these doutoral *Alguns traços da população sob o ponto de vista higienico e evolucionista* (1899) é a invocação do estabelecimento de um padrão rigoroso de convenções sociais que pudessem ser assimiladas por toda sociedade e que se organiza definindo, quem comanda e quem “precisa” ser comandado. Talvez esse “desvio de rota” ajude a entendermos porque esses acadêmicos optaram pela promoção de um certo grau de negligência relativo as questões da saúde.

REFERÊNCIAS

- BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**: introdução à sociologia do direito penal. 2.ed. Revan, 2002.
- BRASIL. Decreto nº1.270, de 10 de janeiro de 1891. In: **Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brazil de 1891**, 1º fascículo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.
- CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. A "Geografia Social" de Sílvio Romero. [Online]: **Terra Brasilis**, 2000. Disponível: <http://terrabilis.revues.org/301>. Acessado em 22 dez. 2014.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. **Resgates sociológicos do corpo**. Esboço de um percurso conceptual. *Análise Social*, 208, XLVIII (3.º), 2013. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_208_a01.pdf. Acesso em 21 de out. de 2014.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Revoltas de escravos na Bahia em início do século XIX. **Cadernos de Pesquisa São Luís**, 4 (1): 65 - 86, jan./jun. 1988
- FILHO, Angelo de Lima Godinho. **Influência da prostituição sobre a sociedade actual**. Salvador: Typographia Passos / Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia, 1909.
- HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona, Antrophos, 1925.
- HIPÓCRATES. **Conhecer, cuidar, amar**: O Juramento e outros textos. Landy, 2002
- HISSA, Cássia Viana; NOGUEIRA, Maria Luíza Magalhães. **Cidade Corpo**. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/3-cidade-corpo_cassio_hissa_e_maria_nogueira.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2014.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **A Idade Média e o dinheiro**: ensaio de antropologia histórica. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**, Editora Ícone, 2013.
- MEIRELLES, Nevolanda Sampaio et al. Teses Doutorais de Titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. **Gazeta Médica da Bahia**. Jan./Jun., 2004. Disponível em: <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/373/362>. Acesso em: 2 maio 2014.

- PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Civilização Brasileira: São Paulo, 1996.
- REBOLLO, Regina Andres. **O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano**: de Cós a Galeno. *Scientiæ Zudia*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45-82, 2006.
- RODRIGUES, Raymundo Nina. **As coletividades anormais**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.
- _____. **Os africanos no Brasil**. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>>. Acessado em 06 de jun. 2014.
- RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. **O cientificismo de Comte (1758 – 1857) e as suas repercussões na América Latina**. Juiz de Fora. Centro de Pesquisas Estratégicas Paulino Soares de Sousa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001.
- ROMERO, Silvio. **Realidade e ilusões do Brasil**. Parlamentarismo, Presidencialismo e outros ensaios. São Paulo: Vozes, 1979.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. História geral da medicina brasileira. **Revista da SBHC**, n. 7, p. 77-80, 1982.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930). 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SOARES, Deodoro Alvares. **Alguns traços da população sob o ponto de vista hygiênico e evolucionista**. Salvador: Typographia Passos / Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia, 30 de outubro de 1899.
- TORREÃO SÁ, Tânia Regina Braga. **Códigos de posturas municipais como instrumentos normativos da produção de novas lógicas territoriais**: estudo de caso do centro histórico de Salvador. *Revista Percurso*. Vol. 15, n. 2, 2010.